

A REPRESENTAÇÃO DO CANGAÇO NA OBRA: SEARA VERMELHA, DE JORGE AMADO

José Carlos Vieira¹
Ciro Carlos Antunes²

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender o universo semântico que é empregado ao termo: cangaceiro na obra: *Seara Vermelha*, de Amado (1946). Nesse sentido, procura-se identificar os aspectos sociais, políticos e econômicos que leva o personagem Zé Trevoada a se integrar ao grupo de cangaceiros. Dessa forma, busca-se entender os sentidos possíveis para as atitudes dos cangaceiros, e, por final, apresentar os desfechos sobre a atuação do cangaço no sertão nordestino. Este trabalho parte de análises bibliográficas sobre o sertão, as façanhas dos cangaceiros e suas relações com os sertanejos. Nota-se que os cangaceiros não são vistos como vilões e nem como heróis, mas como vítimas das considerações sociais, políticas e econômicas do lugar em que viveu.

Palavras-chave: Cangaceiro; Sertanejos; Fazendeiros; Sertão.

Abstract: This article aims to understand the semantic universe that is used to the term: cangaceiro in the work: *Seara Vermelha*, by Jorge Amado (1946). Not only that, it also seeks to identify the social, political and economic aspects that lead the character Zé Trevoada to integrate into the group of cangaceiros, it is sought to understand the possible meanings for the attitudes of cangaceiros, and finally, to present the outcomes on the performance of the cangaço in the northeastern sertão. This work is based on bibliographical analyzes about the sertão, the exploits of the cangaceiros and their relations with the sertanejos.

Keywords: Cangaceiro; Sertanejos; Farmers; Backwoods.

Este trabalho tem por objetivo compreender a representação que Jorge Amado atribui ao sertão nordestino com a presença do cangaço. Nesse sentido, sabe-se que a obra em estudo por ser um opúsculo literário de caráter realista e por se tratar dos conflitos presente naquela região, a década de 30, tornou-se um tempo em que era inescapável ao autorescrever sobre os malfaitores que perambulavam pelo sertão nessa ocasião. É, nesse sentido, que este artigo procura entender a forma como a obra retrata o cangaço: como se originaram, suas ações pelo sertão, a relação deles com os sertanejos e fazendeiros, as formas de sobrevivência, os

¹ Graduando do curso de Letras – Português, na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Campus de Espinosa, Minas Gerais. E-mail: vieirajscl@gmail.com

² Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor de Educação Superior da UNIMONTES e E-mail: c.alburquerque@bol.com.br.

motivos que levaram eles a praticarem crimes de rapinagem, torturas e mortes por onde passavam.

A compreensão que se tem sobre o cangaço de forma geral é variada, há interpretações que os consideram como: heróis ou uma espécie de justiceiros de um sertão sem lei. E há aqueles que consideram os cangaceiros como criminosos, cujo objetivo era o de saquear cidades, aterrorizar seu meio social, estuprar, torturar e matar (DUTRA, 2011, p. 52).

Segundo Houaiss (2015, p. 175) cangaço é: “s.m. B 1 modo de vida do cangaceiro 2 bagaço da uva depois de pisada 3 conjunto dos cangaceiros <Lampião era o rei do c.>”. Dessa forma, para o autor elencado, anteriormente, o cangaço é a maneira que um sujeito vive a sua vida em terras bucólicas.

Nesse sentido, o sertão é marcado por conflitos sociais, políticos e econômicos. É uma região que havia fazendeiros com grandes extensões de terras vigiadas por seus capatazes. E nessas fazendas existiam os trabalhadores: colonos e meeiros que eram explorados ao máximo e o que recebiam em troca de seu trabalho o seu sustento. Contudo, haviam revoltas contra as más condições de vida e trabalho.

Nesse sentido, sabe-se que o cangaço compôs parte da história nordestina. Dessa forma, um cangaceiro que se destacou foi “Lampião”³ devido a sua sensatez e engenhosa sabedoria de ataque. A cada povoado conquistado erguia-se uma capela. Tanto Lampião como outros cangaceiros praticavam os seus feitos por meio de confrontos e façanhas ao seu meio social de seu tempo.

Não obstante, as obras literárias têm a peculiaridade de proporcionar ao leitor interpretações singulares dos aspectos históricos, o que faz o leitor apreciar a obra em estudo por se colocar dentro da obra como um dos personagens. E *Seara vermelha*, dentre inúmeras obras que se tenha escrito sobre o cangaço e de seus principais líderes, ajuda a apropriar dessa riqueza cultural nordestina: seus hábitos, costumes, crenças.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de revisões bibliográfica: artigos, ensaios e resenhas sobre o tema, que de forma direta ou indireta aborda o contexto social da época e os confrontos particularizaram a história do sertão. *Seara*

³Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião (1898-1938), foi considerado rei do cangaço brasileiro, atuou no Nordeste do Brasil até a sua morte, em 1938.

vermelha é uma obra que, por si só, já apresenta a totalidade daquela região, porque trata da sociedade, dos problemas econômicos, religiosos e administrativos.

Dessa forma, Jorge Amado nasceu no ano de 1912, no município de Itabuna, sul do estado da Bahia. Foi para Salvador quando era criança, e lá fez seus estudos secundários e ginasial. Desde jovem, principiou a afligir em jornais e a participar da vida literária, publicando seu primeiro romance, *O país do carnaval*, com 19 anos de idade. Dentre várias obras publicadas, em 1946, Jorge Amado lança: *Seara vermelha*, livro no qual será analisado na perspectiva dos confrontos do cangaço no nordeste brasileiro. Vale ressaltar que esse escritor era deputado federal pelo Partido Comunista no momento em que escrevera e publicara tal obra, e este fato influenciará a sua interpretação sobre as questões nordestinas.

A princípio, os cangaceiros são apresentados na obra como sendo bárbaros e terríveis, em que causam enormes estragos por onde passam, maltratando camponeses pobres, as autoridades policiais e os fazendeiros do sertão nordestino, como mostra a citação, a seguir: “*Aqueles jagunços armados, dando tiros para o ar, modificando totalmente o seu inalterável cotidiano, deram-lhe a sensação de que enfim chegara o momento em que os pecadores iam pagar a sua culpa*” (AMADO, 1946, p. 33).

Nesse sentido, os cangaceiros provocavam o terror nas pacatas áreas rurais e vilas. A sensação dos moradores dessas regiões era de muito medo, pois achavam que os jagunços matariam todos os sertanejos de suas vilas e áreas rurais.

Por esse viés, os cangaceiros são retratados como soldados que surgiram no sertão por causas intrínsecas as próprias condições sociais do lugar. Por ser *Seara vermelha* uma obra realista, representa o cangaço como filho de seu tempo e espaço.

Nesse sentido, para Amado (1946),

Aqui, na caatinga, habitam os cangaceiros. Os soldados da vingança, os donos do sertão. Não têm paz nem descanso, não têm quartel nem bivaques, não têm lar nem transporte. Sua casa e seu quartel, sua cama e sua mesa, são a caatinga para eles bem-amada [...] (AMADO, 1946, p.44).

É importante ressaltar que na obra é feita a relação dos personagens fictícios com personagens reais do cangaço nordestino, como se pode

observar neste trecho: “na caatinga habitaram Lucas da Feira, Antônio Silvino, Corisco e Lampião, e hoje habita Lucas Arvoredo com seus jagunços”(AMADO, 1946, p. 44).

Dessa forma, o cangaço está centrado na figura do personagem Zé Trevoada, Filho dos personagens Jerônimo e Jucundina, retirantes que foram obrigados a saírem da fazenda onde nasceram e viveram, e migrarem pela caatinga adentro rumo a São Paulo, na esperança de encontrar fartura. Na fazenda, onde trabalhavam, o que tiravam da terra não dava para o sustento familiar. José, o segundo filho do casal, não via motivos para permanecer ali, foi assim que resolveu seguir o cangaço.

Não obstante,

[...] o segundo dos seus filhos que havia partido e que, segundo todos diziam, era cangaceiro de Lucas Arvoredo. Fugira de casa no dia em que o bando atacou a fazenda e nunca mais voltaram a ter notícias concretas sobre ele. Um nome novo, porém, surgiu no bando de Lucas, a política falava de um jagunço apelidado de Zé Trevoada, de pontaria certa e coragem a toda prova. Conhecidos diziam que Zé Trevoada era o mesmo José, filho de Jerônimo e Jucundina [...] (AMADO, 1946, p. 50).

Por essa assertiva acima, entende-se que os cangaceiros eram homens que saíam para o além sem destino e moradia, tornaram verdadeiros nômades, por que eles fugiam de casa para seguir o seu líder jagunheiro à medida que as histórias do cangaço eram partes vivas na memória dos sertanejos, relatavam os fatos sem rancor, pena ou revolta pelos atos dos jagunços de Lucas Arvoredo. Percebiam que a dureza do sertão gerou aqueles sobreviventes brutos, frios e violentos.

Nesse sentido,

[...] Lucas Arvoredo [...] era personagem obrigatória de todas as histórias daquele pedaço de sertão, contaram dos seus feitos, das suas valentias e malvadezas. Tinham-lhe medo, sem dúvida, mas não lhe tinham ódio, era um camponês como eles, saíra também das fazendas, das terras tomadas, do trabalho de sol a sol (AMADO, 1946, p.70).

Na obra, os soldados da polícia e os cangaceiros são postos no mesmo nível. Para a personagem Jucundina, é uma questão de escolha, porque os seus filhos estão inseridos em ambos. A polícia não representa a paz e a ordem e os

jagunços não são os únicos a causar desordem. Dos filhos mais velhos de Jucundina, “Um estava com Lucas Arvoredo, os outros dois eram soldados, um da polícia, outro do exército, mas Jucundina não estabelecia diferença entre os três [...] Direito eram os três” (AMADO, 1946, p.70).

Para a actante Jucundina (AMADO, 1946) a obra retrate as valentias e malvadezas dos cangaceiros, ela também apresenta o lado destes homens, demonstra os aspectos frágeis de uma infância pouco amadurecida, talvez inviabilizada pela dura relação que tiveram com o sertão, desde criança. O lado infantil desses jagunços é expressa no momento em que assaltam uma pequena cidade, e em uma das lojas, encontram um brinquedo: pato de molas.

Ali, em torno ao pequeno pato de molas, não recordavam os cangaceiros terríveis, bandidos sem alma do sertão, jagunços que matavam e roubavam. Eram novamente os ingênuos camponeses, puros como crianças, crédulos e confiantes (AMADO, 1946, p.168).

Dessa forma, para Amado (1946) a obra apresentam os jagunços criados pelas condições sociais, políticas e econômicas do sertão. Não são homens que nasceram com uma natureza má, mas sertanejos que por ausência de uma oportunidade melhor, se inseriram naquela vida. E uma vez inserido, a saída do cangaço seria dificultada, pois sofreriam as perseguições dos soldados da polícia devido os crimes que iriam cometendo para garantir o sustento do bando. E, enquanto estivessem inseridos no bando, se sentiriam protegidos da perseguição das autoridades da lei.

Quando Lucas Arvoredo foi perguntado por um caixeiro-viajante, o por quê não largava aquela vida, ele logo respondeu:

-Pra que seu moço? ... Tou nessa vida de bandido porque tomara as terras de meu pai, E não se contentaro, ainda mataro o pobre véio que nunca tinha feito mal a ninguém. E era uma porquera de terra, nun chegava a dois arqueire... Lá quero terra pra me tomarem de novo... Sou bandido já vai pra mais de onze anos, vou morrer nessa vida. De morte matada porque nenhum macaco (policial) vai em pegar com vida, se Deus me ajudar... (AMADO, 1946, p. 168).

Percebe-se que os conflitos sociais e econômicos do sertão criou o cangaço, produzido pelo ódio ao fato de ter ficado sem o pedaço de terra

insignificante que a família possuía e em que morava, e, conseqüentemente, o pai ter perdido a vida por causa dessa ínfima terra. As lembranças do pai assassinado pelos capangas do coronel, produzia no cangaço, mais raiva e ódio.

Não obstante para Amado (1946):

Em relação as organizações políticas no sertão, o cangaço não era um grupo de todo isolado. Esses sertanejos que se juntavam ao cangaço por causa das injustiças cometidas pelos fazendeiros da região, seja por vingança, ódio ou busca de saída do seu sofrimento, continuavam mantendo relações com esses poderosos. As negociações das munições, armas e esconderijo eram mediadas por políticos do sertão. A maioria das armas e munições utilizadas pelos cangaceiros vinham de longe, exceto algumas que eles captavam nos confrontos diretos com os soldados da polícia. Para se ter uma ideia da relação dos cangaceiros com as autoridades políticas do nordeste, Maricota, companheira de Lucas Arvoredo, e de quem ele mais amava e respeitava, vivia na fazenda de um dos coiteiros dele: um senador estadual. Lucas tinha coiteiros graúdos. Um era o coronel João Batista, pai do governador de um Estado (AMADO, 1946, p. 168).

Os sertanejos pobres que queriam viver honestamente naquele lugar, honrando e sendo honrado, respeitando e sendo respeitado, não viam soluções para o problema do cangaço, a lei era feita pelos mais fortes: sejam cangaceiros, sejam fazendeiros ou as autoridades jurídicas. Os sertanejos não acreditavam na lei, sabiam que as autoridades jurídicas estavam ali para proteger os interesses dos fazendeiros. A única esperança em que os lavradores, sitiantes e colonos depositavam, era no beato Estêvão, um místico que andava pelo sertão pregando o fim do mundo: dizendo que os pobres deveriam acompanhá-lo, pedindo a sua benção e que estava chegando a hora dos ricos daquela terra pagarem pelos pecados (AMADO, 1946, p. 213).

O tratamento dado pelos sertanejos pobres em relação aos soldados de polícia e os cangaceiros, era de igual medida, ambos provocavam sofrimento e dor naqueles sertanejos, em alguns casos a polícia causa mais sofrimentos.

Mas os pequenos lavradores, os sitiantes e colonos, os sertanejos pobres, esses sofriam, seja da passagem do bando de Lucas, seja – e ainda mais – da polícia. Os tenentes e capitães comissionados na perseguição a Lucas enriqueciam nos dois anos que passavam pelo sertão. Levavam dinheiro para pagar comida e cavalos mas os requisitavam dos camponeses pobres, roubavam e violavam tanto ou mais que os cangaceiros. Os sertanejos tinham mais medo da farda da polícia, farda que ali se modificava, os homens vestindo gibão de couro sobre as levitas, substituindo os quepes

por chapéus de vaqueiros. A polícia tinha direitos, roubava, matava e deflorava baseada na lei. [...] (AMADO, 1946, p. 179).

Por essa razão, o governo fazia discursos dizendo que liquidaria o cangaço do sertão, mas no fundo aquilo era apenas propagando política, ele usava aquela situação para se reeleger. Os tenentes e capitães da polícia esperavam a ordem para perseguir os cangaceiros, apenas pelo fato de que isso gerava riqueza para eles, e caso pegasse o líder do cangaço ganhariam condecorações, eram promovidos dentro da hierarquia militar ou civil e saíam nas páginas dos jornais. Ao longo da história, as polícias capturaram alguns líderes do cangaço, como aconteceu com Lucas Arvoredado. Mas dentro da obra: *Seara vermelha*, o cangaço se manteve vivo na figura de Zé Trevoada, mais famoso e mais malvado que qualquer outro jagunço que tenha passado pelo sertão (AMADO, 1946).

Para Clemente (2013), os sertanejos pobres preferiam se aproximar dos cangaceiros e se afastarem da polícia, pois esta era cruel e cuidava somente dos interesses dos ricos e políticos locais. Assim, confirma o autor que:

[...] os contingentes policiais eram formados na maioria por “homens brancos, cruéis ou adstrictos às politiquices locais”. Do ódio do sertanejo pelo policial, acresce algumas formas de nomeação: ‘mata cachorro’, ‘caximbo’, ‘macaco’, ‘pitéo’, conforme passaram a ser conhecidos no tempo de Lampião (CLEMENTE, 2013, p.104).

Como o cangaço surgiu da própria realidade dura e cruel do sertão, a única forma de acabar com esses jagunços seria modernizar o sertão, oferecer oportunidades de trabalho, educação, saúde, saneamento básico, e sobretudo, a água e terra. Não obstante,

O problema maior seria a falta de trabalho das populações sertanejas: deem-se-lhes comunicações, transportes, instrução e justiça. Somente um conjunto de medidas dessa ordem acabará de vez com os cangaceiros, produtos de uma causalidade complexa (BARROSO, s/d, s/p. apud CLEMENTE, 2013, p.222).

Para o autor a falta de saneamento básico era a causa de tantos problemas biossociais, mas para o governo, isso não era motivo para organizar, planejar e implementar políticas públicas mas combater o cangaço como coisa e não uma falta do Estado com esses sertanejos.

Na verdade, para Domingues (2017), o cangaço está relacionado ao contexto social, econômico e político do lugar. As inter-relações dos sertanejos com fazendeiros, a condição de pobreza, e a ausência de justiça, de igualdade de condições, geraram sertanejos revoltados com o lugar. A forma que os fazendeiros tratavam aqueles sertanejos feria-os brutalmente, em sua honra e dignidade, estes, talvez fosse os únicos valores que ainda restavam e de que podiam se orgulhar. Nesse sentido,

O aparecimento do cangaço está relacionado ao sistema político, jurídico, econômico e social do Nordeste brasileiro; à decadência e reveses da cadeia produtiva ligada à agricultura e pecuária, à vida de penúria da população sertaneja, às penosas secas, à ausência do poder público, às injustiças advindas dos “coronéis” e seus jagunços, às rivalidades e brigas fratricidas entre clãs familiares, aos abusos e truculência da polícia, aos códigos de honra, vingança e violência do sertão, à fragilidade das instituições responsáveis pela lei, ordem e justiça, à falta de perspectivas e esperanças de dias melhores (DOMINGUES, 2017, p. 4).

Dessa forma, em alguns casos os cangaceiros foram considerados como aliados do governo. No período em que a Coluna Prestes (1925 – 1927) passava pelo nordeste mobilizando sertanejos para lutarem contra as oligarquias agrárias, os adeptos do presidente Artur Bernardes usaram o cangaço a seu favor, mediado pelo padre Cícero, chamando-os de “batalhão patriótico”, por sinal uma potente aliança contra o comunismo – corrente revolucionária que estava começando a criar raízes no sertão.

Assim sendo,

[...] Lampião não afrontou o ‘Batalhão Patriótico’. Ele foi a Juazeiro justamente a convite dos bernardistas, adeptos do Presidente Artur Bernardes na luta contra os tenentes da coluna militar liderada pelo capitão Luís Carlos Prestes. Padre Cícero rechaçou a proposta de hostilizar Lampião porque o tinha como um poderoso aliado contra Prestes. Nesse episódio, Lampião saiu de Juazeiro aclamado como legalista, comandante de batalhão patriótico (CLEMENTE, 2013, p.112).

Dessa forma, segundo Clemente (2013) Lampião não injuriou a força armada brasileira, porque fora ao Juazeiro a convite da família Bernardes. Enquanto que padre Cícero repeliu a possibilidade a sugestão de inimizar Lampião, por que ele o tinha como um coligado contra o governo Prestes.

Para Teixeira, o cangaço se torna na obra: *Seara Vermelha*, de Amado (1946), um movimento social. Este movimento expressa o descontentamento diante das mazelas sociais. Uma região com escassez de recursos naturais, secas prolongadas, distribuição desigual dos recursos extraídos da terra, ausência de instituições educacionais, só pode formar ali, indivíduos brutos. Se tornam brutos, não por uma questão intrínseca a natureza humana, mas bruto na sua formação dilacerante diante da vida. Percebendo que enquanto os latifundiários tinham mesas fartas. Nas casas destes inúmeros trabalhadores, o pouquinho que conseguiam não era capaz de sustentar um único membro da família.

Os colonos e meeiros das fazendas do sertão nordestino sempre se encontraram nas noites, sejam nos botecos ou nos momentos de festas nos arraiais. Nesses encontros eram compartilhados os momentos de alegrias e tristezas, de sofrimento, dor e perdas. No compartilhamento de ideias sobre as durezas do sertão, surgem os instantes de rebeldia, de raiva interior e de vingança daqueles que causavam mal a eles, e além de causarem mal, faz manter o sertão e suas vidas na mesma penúria. A título de exemplo, pode-se falar das mercearias ou vendas localizadas nas sedes das fazendas, em que meeiros e colonos eram obrigados a fazerem suas compras, e sem dinheiro, ficavam em dívidas. Os valores monetários de suas compras eram sempre alterados em porcentagem maior. Esses trabalhadores uma vez comprando lá, jamais conseguiriam liquidar as dívidas. Não podendo abandonar a fazenda por causa dessa pendência, ficavam refém dos mandos e desmandos dos fazendeiros.

Uma vez presa a fazenda, a única saída dessa condição, seria fugir e se juntar ao cangaço. Apesar de haver aqueles que por desavenças com o patrão ou capataz da fazenda, acabavam brigando ou até matando-os, e também refugiavam nos bandos clandestinos. A sobrevivência na fazenda era tão ruim quanto no cangaço, embora as atividades realizadas ambos fossem diferentes.

Jorge Amado nos mostra como nasce a violência no campo. Na obra em análise, o cangaço é um movimento social nordestino fruto do descontentamento com as desigualdades provenientes principalmente das disparidades econômicas, políticas e culturais que envolviam os grupos e as classes sociais do sertão nordestino. É em um contexto marcado profundamente por desigualdades e exclusão que o cangaceiro, o jagunço e o soldado da vingança, cansados de serem explorados, maltratados, valem-se de outras ferramentas e outras práticas laborais para estabelecer uma relação de trabalho mais justa, mesmo que praticando atividades ilícitas.

Daí a necessidade de outras ferramentas: punhal, fuzil, repetição (TEIXEIRA, 2017, p. 299).

Nesse movimento social dos cangaceiros, faltou a consciência e atitude diante dos sofrimentos daqueles sertanejos, num sentido mais amplo. As revoltas se resumiam em problemas individuais ou familiares. Os motivos que os levavam a ingressar no cangaço era, ora por uma desonra sofrida, ora pela perda de sua pequena propriedade, ora pela perda de um ou mais membros da família. Não havia nos horizontes daqueles jagunços o desejo de libertar todo aquele povo sofrido das garras dos latifundiários, de libertar concretamente: fazer uma distribuição mais igualitária dos recursos naturais, da terra e das riquezas produzidas. Os únicos que relatavam os sofrimentos dos sertanejos e pregavam a liberdade dos mesmos, eram os beatos que por lá andavam. Mas essa liberdade não passava de um misticismo, uma glória extraterrena, sem vínculo real.

Somente com a captura dos últimos cangaceiros do sertão – o Lampião e seu bando – é que os sertanejos passaram a tomar outras medidas em relação a suas condições sociais e econômicas. Muitos continuaram a migrar para a região sudeste. Outros preferiram lutar pelo direito ao acesso as terras, pois sabia que aquele ideário de seus conterrâneos de irem para o Sudeste se enriquecer, de que lá era a terra da fartura e de riqueza fácil, não passava de ilusão. Dentre um que conseguia acumular alguma riqueza, havia centenas que não conseguia nem o dinheiro para a viagem de volta.

Na mudança de consciência desses sertanejos, após a queda do cangaço, aumentam as lutas camponesas. Essas lutas existiam no período dos cangaceiros, mas de forma incipientes, só depois é que elas se intensificam motivadas pelo confronto entre esses trabalhadores do campo e os fazendeiros do lugar, como antes, mas agora, sem a fuga para o cangaço. Uma consciência nova surge, pois as condições históricas são outras. As relações sociais entre eles sofreram algumas mudanças, enquanto as condições econômicas permaneceram:

em conformidade com a concepção marxista, o conflito constante e incessante entre classes funciona como motor da história. As mudanças sociais operadas no transcorrer da história são influenciadas pela situação econômica dos atores integrantes de uma sociedade. Dentro dessa dinâmica, as respostas para os fenômenos sociais estão inseridas nos meios materiais dos sujeitos (TEIXEIRA, 2017, p. 299).

Esse movimento dos jagunços havia concepção marxista, porque era uma disputa entre classe dominante e submissa. Por outro lado, essas manifestações que constrói a história seja pela entre as disputas de poder político e administrativo. Dessa forma, embora as condições sociais permanecessem inalteradas, o mesmo não acontecia com as condições sociais. A comunicação e o acesso cada vez maior à educação geram novas percepções da realidade do seu modo de vida.

Nesse certame,

O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência (MARX, 1982, p. 82).

Desse modo, os sertanejos logo percebem que aqueles fazendeiros com longas extensões territoriais, concentra também a força econômica e política da região. E ainda mais, que a justiça é feita com base nas escolhas e interesses desses poderosos, nos seus mandos e desmandos. E que restam a estes trabalhadores, um ínfimo salário, que não dá para comprar os alimentos mais básicos e essenciais a sua sobrevivência. Por essa razão, que esses sertanejos percebem que há no meio social aqueles que exploram, matam, expropriam e oprimem resguardado pela lei. Eles, que não tem a quem recorrer nessa terra, acabam sendo humilhados, explorados, excluídos, expropriados e oprimidos. E alguns passam a entender que somente a união entre eles é que podem vislumbrar saídas diante daquela situação.

A obra: *Seara vermelha*, de Amado (1946) apresenta o cangaceiro como um ser malvado, violento e bruto, consequências geradas pelas condições sociais, políticas e econômicas da região. Portanto, o cangaceiro não é mal por natureza, mas a sua vida de sofrimento e privações o tornou bárbaro. O Lucas Arvoredo entra para o cangaço por ódio e vingança, depois de ter visto seu pai perder a vida e o pequeno pedaço de terra que possuía para um fazendeiro da região. Zé Trevoada não entra no cangaço pelo mesmo motivo que Lucas, mas porque não via melhores oportunidades de viver naquele sertão. As condições materiais de existência eram mínimas, não dava para manter o sustento da família. Zé Trevoada despertado para o ódio e a vingança quando fica sabendo que sua família fora expulsa da fazenda

pelo capataz Artur. Nesse momento, pede ajuda ao chefe Lucas Arvoredo para vingar a desonra causada a sua família.

A obra não coloca um fim para os cangaceiros, no sertão, eles continuaram com suas façanhas, roubando, matando, vingando e estuprando na figura do líder Zé Trevoada. Os assaltos e roubos se tornam uma forma de manter o sustento do grupo, pois eram obrigados a ficar meses refugiados nos lugares inóspitos da caatinga. E os estupros e esquitejamentos das vítimas eram formas de impor medo àqueles ousassem enfrentá-los e uma forma de manter o controle do sertão a seu favor.

O último grupo de cangaceiros acabou com a morte de Lampião, mas as histórias desses aventureiros permanecem vivas até os dias atuais. Lampião é retratado nas músicas e literatura de cordel como herói, valente, destemido, junto a sua companheira Maria Bonita. Por esse certame, acredita-se que o jagunço faz o homem em sua rebeldia, mas o mesmo homem sem leis estatais se convencem de que Deus é o seu guia por isso ergue igrejas por onde passa e constrói vilarejos onde faz-se estadia.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. **CANGAÇO E CANGACEIROS**: histórias e imagens fotográficas do tempo de lampião. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE_%20ARTIGO_13Marcos_Edilson_de_Araujo_Clemente.pdf. Acesso em: 10 de mar. de 2018.

CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. **Cangaço e representações dos sertões do Nordeste Brasileiro na primeira metade do século XX**. Outros Tempos, vol. 10, n.15, 2013. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/viewFile/257/176. Acesso em: 10 de mar. de 2018.

DOMINGUES, Petrônio. **O “CORISCO PRETO”**:cangaço, raça e banditismo no nordeste brasileiro. Revista de História, São Paulo – SP, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/119973/130920>. Acesso em: 16 de mar. de 2018.

DUTRA, Wescley Rodrigues. **Nas Trilhas do “Rei do Cangaço” e de Suas Representações.**[Tese] Universidade Federal da Paraíba, programa de pós-graduação em história, João Pessoa – PB, 2011.

FARGETTI, Cristina Martins. MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo e NADIN, Odair Luiz, (ORG). **Léxico e Cultura.** Araraquara: Projeto Editorial: Letraria, 2015.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Biografia. Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75. Acesso em: 14 de mar. de 2018.

PEQUENO DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, [Organizador]; [Diretores Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello. São Paulo: Moderna, 2015, p. 175.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reios. **Uma análise lexicológica dos instrumentos e das relações de trabalho em Seara Vermelha, de Jorge Amado.** Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 294-302, maio-agosto 2017.